

Vulnerabilidades e resiliência de agricultoras agroecológicas face à pandemia da Covid-19: introdução

Isabelle Hillenkamp, Natália Lobo e Liliam Telles

Objetivo geral da pesquisa

A pandemia de Covid-19 tem levantado, com razão, receios de aumento das desigualdades de gênero e da violência. A perda ou precarização do emprego, a falta de direitos sociais e o aumento da violência doméstica atingiram duramente as mulheres negras, discriminadas e de baixa renda no Brasil e em outros países (UN Women, 2020; Teixeira, 2020). Ao mesmo tempo, a pandemia reacendeu as críticas feministas ao capitalismo, evidenciando a vulnerabilidade dos seres humanos e o papel essencial do trabalho de cuidado, realizado principalmente por mulheres de forma não remunerada na esfera familiar e comunitária e em serviços públicos e de mercado mal remunerados (Faria, 2020). Alguns se contentaram em aplaudir a realização desse trabalho pesado, esperando que isso perpetue essas relações desiguais e permita delegar ainda mais responsabilidades a essas mulheres. Outras pediram uma mudança de modelo, no sentido de um reconhecimento do trabalho de cuidado (Laugier, 2020), de uma democratização e desmercantilização da economia, condições para modos de vida mais sustentáveis (Ferreras et al., 2020).

Diante desse amplo debate, o impacto local, os riscos e as oportunidades concretas de transformação social abertas pela pandemia têm recebido até agora muito pouca análise. Eles dependem de complexas interações entre processos de emancipação e situações de opressão baseadas no gênero e em outras relações de poder, que foram forjadas durante um longo tempo. No setor agrícola no Brasil, coletivos de mulheres organizadas, em alguns casos há várias décadas, para um modelo de produção “agroecológico”, so-

cial e ecologicamente sustentável (Nobre et al. 2015; Zuluaga et al. 2018) têm buscado soluções para as restrições de movimento, as dificuldades de comercialização, a perda de emprego para si ou para os membros da sua família. Com o apoio de ONGs e movimentos sociais, aliados políticos, elas reinventaram ou expandiram suas ações, com base nas responsabilidades socialmente atribuídas às mulheres na produção de alimentos e nos cuidados. Suas ações têm sido parte de uma reorganização mais ampla do setor agrícola e das cadeias alimentares, impactadas pela pandemia e marcadas pelas profundas desigualdades entre modelos e escalas de produção. A resiliência das agricultoras agroecológicas face à pandemia depende, portanto, da interação específica entre esses processos em diferentes níveis. A compreensão desses processos e interações é tanto mais importante quanto a pandemia instala-se duradouramente e as mudanças conjunturais, sejam positivas ou negativas, podem se tornar também duradouras e estruturais.

A pesquisa, cujos resultados são detalhados nos dois capítulos seguintes, teve como objetivo contribuir para uma análise realista das vulnerabilidades e das condições de resiliência e transformação social abertas pela pandemia da Covid-19 para mulheres envolvidas na agroecologia no Brasil. Entre a denúncia dos riscos de agravamento das desigualdades e o aplauso às iniciativas femininas, destinado a garantir que nada mude, procuramos identificar os riscos reais para essas mulheres e as condições para que o reconhecimento de suas iniciativas se transforme em uma renegociação das relações de poder e não em uma sobrecarga de trabalho.

Método

Os fatores de vulnerabilidade, as capacidades de resiliência e de mudança social das agricultoras agroecológicas permanecem pouco conhecidos porque ocorrem no nível principalmente local, envolvem relações interpessoais e informais (ex. em grupos de produção e redes de comercialização) e se baseiam em grande parte no trabalho não remunerado. Essas iniciativas não são detectadas pelas análises estatísticas agregadas e de muitos observadores.

Para remediar essa invisibilidade, a investigação qualitativa, praticada por acadêmicas/os e militantes feministas, frequentemente envolvidas em organizações e movimentos que acompanham essas iniciativas, é um método indispensável. Os capítulos seguintes apresentam os resultados de duas pesquisas conduzidas paralelamente nas regiões da Zona da Mata (MG) e do Vale do Ribeira (SP). Foram realizadas em parceria entre o IRD (Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento), da França, a Universidade Federal de Viçosa (Brasil) e as ONGs brasileiras CTA-ZM (Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata) e SOF (Sempreviva Organização Feminista). O CTA-ZM e a SOF estão envolvidos na construção dos movimentos agroecológicos e feministas em nível nacional e têm contribuído para a organização das agricultoras sujeitas desta pesquisa na Zona da Mata e no Vale do Ribeira, respectivamente. Esta pesquisa prossegue as intervenções dessas ONGs, assim como projetos de pesquisa-ação anteriores, que envolveram as instituições parceiras (ONGs e acadêmicas). Através da pesquisa-ação, entendemos um modo de produção de conhecimento que, pelo tipo de perguntas e o diálogo com as atrizes e os atores locais, visa contribuir para os processos de mudança social nos quais elas e eles estão envolvidas/os.

Essas relações de confiança e conhecimento interpessoal com as agricultoras, estabelecidas antes da pandemia, tornaram possível a realização de pesquisas qualitativas à distância. A pesquisa no Vale do Ribeira começou em junho e julho de 2020, em uma época em que qualquer deslocamento era impossível, e foi realizada inicialmente por telefone (ou por mensagens de áudio de WhatsApp no caso de sinal telefônico insuficiente). A partir de setembro, a SOF voltou ao Vale do Ribeira para períodos curtos, o que nos permitiu completar nossas observações. Em novembro de 2020, foi realizada uma fase complementar da pesquisa, com entrevistas no local e à distância. No total, 16 agricultoras foram entrevistadas na primeira fase e 17 na segunda, em 9 comunidades do município de Barra do Turvo. Na Zona da Mata, a coleta de dados foi realizada entre agosto e outubro de 2020 e envolveu 19 mulheres agricultoras em 8 municípios da região (7 entrevistas presenciais e 12 à distância). Em geral, as agricultoras solicitadas foram escolhidas para representar diferentes grupos etários, tempos de envolvimento na agroecologia, contextos locais e posições de liderança/de base.

As trocas com as agricultoras se deram na forma de entrevistas gravadas e dialogadas, que abordaram os diversos temas de um roteiro semiestruturado, priorizando a expressão espontânea de seus depoimentos e questionamentos. A primeira parte do roteiro focalizou na forma como a pandemia transformou a vida dessas mulheres e suas famílias nas esferas da saúde, econômica, agrícola e doméstica, incluindo as vulnerabilidades e dificuldades geradas. Uma segunda parte procurou entender se, e como, as mulheres estão contribuindo para a resiliência da agricultura familiar. Para isso, abordamos as iniciativas agroecológicas, inserindo-as no contexto mais amplo das relações de proteção e solidariedade nos níveis familiar, comunitário e da política social. A terceira e última parte questionou a presença de leituras críticas das mulheres sobre a situação desencadeada pela pandemia, que podem politizar sua própria experiência e ação. No caso do Vale do Ribeira, a fase complementar de pesquisa visou ainda aprofundar o papel das mulheres na resiliência da agricultura familiar, medindo as mudanças ocorridas na produção agrícola, na divisão sexual e geracional desse trabalho e na tomada de decisões.

Mulheres e agricultura frente à pandemia: hipóteses e objetivos específicos da pesquisa

Essas perguntas e nossa análise dos dados foram orientadas por uma dupla leitura da evolução do setor agrícola e das relações de gênero diante da pandemia, o que nos levou a formular três hipóteses.

O modelo agroecológico nas reconfigurações da agricultura

Em nível geral, de acordo com dados da FAO, a pandemia ocasionou um declínio na produção agrícola em algumas regiões do mundo e ameaçou os calendários agrícolas de certas culturas em todos os continentes¹.

Inicialmente, a pandemia também causou uma queda na demanda geral por produtos agrícolas. Como resultado dessas tendências, no

¹ <http://www.fao.org/2019-ncov/covid-19-crop-calendars/en/>.

primeiro semestre de 2020, os preços internacionais de várias commodities, particularmente trigo e milho, caíram. Entretanto, em alguns países, o preço interno dos alimentos, como arroz e feijão no Brasil², estava subindo acentuadamente. No segundo semestre, os preços internacionais da maioria dos produtos alimentícios subiram novamente. Entretanto, isso não significou um retorno ao normal, mas a manutenção de volumes de venda reduzidos — devido a quedas na produção, à incerteza dos agricultores sobre as colheitas gerada por impactos climáticos, como a estiagem no Brasil, e gargalos na cadeia de abastecimento (FAO, 2020a e 2020b). Neste início de 2021, o setor agrícola continua passando por dificuldades e reestruturações, enquanto o aumento dos preços ameaça a segurança alimentar de populações vulneráveis.

No subsetor da agricultura familiar, a alta nos preços dos insumos agrícolas, observada desde o começo da pandemia, foi um fator importante de pressão sobre as unidades de produção, conforme observado em um levantamento no Estado de São Paulo (Secretaria de Agricultura Familiar e Abastecimento do Estado de São Paulo, 2020)³. 56% dos estabelecimentos pesquisados sofreram uma queda na renda (leve em 36% dos casos e aguda em 20%), o que, em alguns casos, provocou dificuldades de pagamento e um aumento do nível de endividamento. As medidas de distanciamento social também tiveram um impacto direto sobre as/os agricultoras/es que costumavam vender seus produtos diretamente e que foram afetados pelo fechamento de mercados abertos e pela impossibilidade de se deslocar. Finalmente, a suspensão de aulas nas escolas da rede pública de ensino teve um forte impacto na agricultura familiar, já que repercutiu nas compras através do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), do qual a agricultura familiar é uma fornecedora.

Essa situação levou uma ampla coalizão de 877 movimentos, redes e organizações sociais brasileiras no campo da agricultura familiar e da agroecologia a apresentar uma carta ao governo federal (de 8 de abril

2 O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA) do Brasil encerrou o ano de 2020 com um aumento de 4,52%.

3 Realizado em abril de 2020 por telefone, junto a 1.145 produtores/as rurais possuidores/as do Documento de Aptidão ao PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar).

de 2020, publicada em ANA, 2020), lembrando o papel central da agricultura familiar na segurança alimentar do país e a necessidade de uma política específica de amparo. Essa carta solicitou o fortalecimento do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e denunciou a priorização de determinados setores agrícolas pelo governo, a pequena parte de recursos redistribuídos em nível municipal e a falta de previsão em nível estadual. O Projeto de Lei 735/2020, que traça as diretrizes de um plano de amparo à agricultura familiar para mitigar os impactos socioeconômicos da Covid-19, foi aprovado por unanimidade pelo Senado em 8 de maio de 2020, antes de ser vetado pelo presidente Bolsonaro em 25 de agosto de 2020. Esse bloqueio persiste no momento da finalização deste texto, no início de 2021. Existe, portanto, um amplo consenso sobre a validade das respostas da agricultura familiar à Covid-19, que, até o atual momento, não foi reconhecido pelo presidente.

Embora os impactos da pandemia sobre os setores agrícolas no Brasil e em outras regiões do mundo sejam severos, eles também são altamente variáveis, dependendo em particular do modelo agrícola e de organização do trabalho. Por um lado, o agronegócio é altamente dependente dos preços internacionais das commodities, do mercado de insumos agrícolas e da mão de obra assalariada e, portanto, fortemente exposto aos impactos negativos descritos acima. Dentro da agricultura familiar, enquanto os estabelecimentos que praticam uma agricultura convencional podem estar expostos, em sua escala, a problemas similares aos do agronegócio (aumento no preço dos insumos, volatilidade do preço das commodities, risco de sobre-endividamento), os que seguem o modelo agroecológico têm um maior grau de autonomia produtiva (obtenção dos insumos por produção própria ou através de redes de proximidade) e, portanto, também, um maior grau de autonomia financeira. Além disso, estabelecimentos de produção agroecológica que faziam parte de redes de comercialização de proximidade antes da pandemia podem se beneficiar de uma continuidade, ou mesmo de uma extensão, de suas vendas e de preços estáveis, graças aos contatos, acordos e organização logística pré-existentes. Os primeiros estudos de caso no contexto da pandemia apontam de fato para a resiliência das formas locais de produção (ex. hortas urbanas, Lal, 2020), inseridas em organizações da agricultura

familiar (ex. redes de cooperativas agrícolas, Forte e Máximo, 2020), em circuitos de venda de proximidade e articulados com programas públicos (ex. PAA municipal, Borsato et al., 2020).

Formulamos a hipótese (H1) de que a autonomia produtiva e financeira permitida pelo modelo agroecológico, combinada com a participação em canais de venda inseridos em relações pessoais ou institucionais estáveis (ex. acordos diretos produtor-consumidor, preços instituídos por programas públicos), são fatores-chave na resiliência da agricultura familiar frente à situação criada pela pandemia da Covid-19. Como resultado, as unidades produtivas que melhor resistem à crise e que produzem as respostas mais inovadoras não são necessariamente aquelas que tinham o mais alto grau de consolidação financeira, mas aquelas que, desde antes da crise, optaram por um modelo de produção autônoma (como a agroecologia) e pela integração em canais de venda assentados em relações pessoais ou institucionais que garantem um alto nível de estabilidade dos preços. Essa estabilidade nas relações de venda e nos preços protege tanto as e os agricultoras/es quanto as e os consumidoras/es da variação dos preços observada nos mercados não regulados (social ou legalmente), devido aos rápidos movimentos da oferta e da demanda no atual contexto.

Pandemia e relações de gênero

A pandemia atua como reveladora das relações de gênero em diferentes esferas da vida social — incluindo a agricultura — ao mesmo tempo que provoca transformações nessas relações. Como já vimos, a pandemia desvelou a importância do trabalho de cuidado social e ambiental realizado principalmente por mulheres em diferentes esferas. Para além da assistência médica, que está no centro da gestão hospitalar da pandemia e da cobertura da mídia (médicos, mas também enfermeiras, auxiliares de cuidados, cozinheiras, faxineiras, etc.), isso inclui o trabalho realizado de forma não remunerada dentro e perto de casa. O trabalho dentro de casa abrange o cuidado de crianças, doentes e pessoas dependentes, além de pessoas com plenas capacidades, e as tarefas domésticas, relacionadas, em particular, à alimentação. No contexto da agricultura familiar, o trabalho de cuidado com os animais e as plantas nos diferentes espaços de produção protagonizados por mulheres, como quintais, hortas, pomares, roçados,

currais, sistemas agroflorestais, obedece à mesma lógica de um trabalho essencial, mas principalmente não remunerado e, por isso, muitas vezes menosprezado.

Essa realidade não é nova: a invisibilidade e a centralidade do trabalho de cuidado para a reprodução da vida há muito foram demonstradas pela economia feminista (ver por ex. Carrasco, 2014). No campo da agroecologia, mostrou-se que o trabalho remunerado e não remunerado das mulheres na produção agrícola e no cuidado socioambiental contribui de forma decisiva para a segurança alimentar, a saúde familiar e comunitária, e a economia familiar (Hillenkamp e Nobre, 2018; Weitzman et al., 2020). A abordagem de gênero da agroecologia ressaltou ainda que a contribuição das mulheres deriva, não de uma capacidade “natural” para esse tipo de produção, mas do seu papel de cuidado socialmente atribuído (Siliprandi, 2015) e da sua exclusão histórica das políticas de modernização agrícola.

Portanto, é necessário analisar as respostas agroecológicas à pandemia da Covid-19 desde um olhar de gênero. Levantamos a hipótese (H2) de que o **protagonismo histórico e socialmente construído de agricultoras na produção agrícola diversificada, na segurança alimentar, na saúde e na economia familiar, lhes confere papel central na capacidade de resiliência da agricultura familiar às contingências decorrentes da pandemia da Covid-19**. Os fatores de resiliência das agricultoras são reforçados pela autonomia produtiva e financeira próprias do modelo agroecológico e pela estabilidade de preços nos canais de venda não mercadológicos (H1). **Esse protagonismo e capacidade de resiliência das agricultoras é que pode permitir-lhes negociar as relações de gênero e ganhar autonomia.**

Essa hipótese (H2) deve, ao mesmo tempo, ser situada dentro de uma análise mais ampla das mudanças nas relações de gênero sob o impacto da pandemia, em particular as relacionadas com as políticas de assistência social e com a divisão sexual do trabalho.

No período de abril a dezembro de 2020, o auxílio emergencial vinculado ao governo federal constituiu o principal apoio para as trabalhadoras e os trabalhadores autônomos sem benefícios de desemprego. De um valor de R\$600 mensais (dobrado para mães solteiras, R\$1.200/

mês), esse auxílio foi aprovado em um contexto político tenso, opondo o presidente a uma maioria no Congresso e uma ampla rede da sociedade civil, denunciando o agravamento das desigualdades sociais e raciais (Rede Brasileira de Renda Básica, 2020). Apesar de sérios vieses na sua implementação, ele finalmente foi outorgado a 66,7 milhões de beneficiários, para um total de 107 milhões de demandas. Teve um efeito maciço, embora temporário, na redução da pobreza. Contudo, seu impacto na vida das mulheres, especialmente das mães de família de baixa renda, foi complexo. Pode ter acelerado sua retirada do mundo do trabalho para assumir o aumento das tarefas domésticas e de cuidado, como parte da privatização da gestão da pandemia pelo presidente. E pode ter possibilitado respostas positivas e sustentáveis à crise, tais como as iniciativas das mulheres na agroecologia, evitando estratégias de sobrevivência mais precárias.

A divisão sexual do trabalho, por outro lado, pode ter piorado durante a pandemia. Uma pesquisa realizada entre 2.641 mulheres, em abril e maio de 2020, mostrou um aumento preocupante na sua carga de trabalho. Como resultado do isolamento social, o trabalho de cuidado (ligar, monitorar, fazer companhia, ir ao supermercado ou à farmácia para familiares, vizinhas/os ou amigas/os) aumentou para 50% das participantes e 62% no caso das mulheres rurais, que funcionaram “como uma reserva de cuidado” (Gênero e Número & SOF, 2020, p. 33). O trabalho doméstico (preparar ou servir alimentos, lavar louça e limpar o domicílio) também aumentou, enquanto a distribuição do trabalho doméstico não melhorou em 87% dos casos — em 23% dos casos até piorou. Finalmente, o ônus do trabalho remunerado não necessariamente diminuiu. Entre aquelas que conseguiram manter seu trabalho remunerado na quarentena — geralmente mulheres urbanas, brancas, na faixa dos 30 anos — 41% avaliaram que estavam trabalhando mais (*ibid.* p. 13). Em boa parte dos casos, tal aumento relaciona-se com uma preocupação crescente com as condições de vida básicas, refletida no fato de que, para 63% das mulheres urbanas e 57 % das rurais, a pandemia colocou a sustentação da casa em risco (*ibid.* p. 14 e 15).

Embora o impacto da pandemia em diferentes grupos de mulheres seja desigual, existe uma tendência geral para o aumento da carga total de trabalho e da precariedade. No contexto das agriculto-

ras agroecológicas em comunidades rurais, o trabalho agrícola pode ter aumentado, como efeito da sua contribuição para a segurança alimentar e para as respostas da agricultura familiar às mudanças provocadas pela pandemia. Formulamos a hipótese (H3) de que o protagonismo das mulheres na capacidade de resposta da agroecologia às contingências decorrentes da pandemia da Covid-19 repousa sobre uma reorganização do trabalho ainda em curso e que contém tanto um potencial de renegociação da divisão desse trabalho quanto um risco de sobrecarga e de agravamento das desigualdades de gênero, raça e classe. Desde a abordagem da pesquisa-ação, este texto pretende contribuir para tornar visíveis esses processos emergentes e estimular debates em diferentes níveis, a fim de desenvolver as potencialidades e limitar esse risco.

Referências

ANA (Articulação Nacional de Agroecologia), “Movimentos sociais apresentam solução emergencial de 1 bi. para alimentar população vulnerável”, carta publicada em 08/04/2020, agroecologia.org.br.

BORSATTO, Ricardo, GRIGOLETTO, Fábio, CAMARGO MACEDO, André, MARTENSEN CAMARGO, Alexandre, “Respostas dos municípios para garantir segurança alimentar e nutricional em tempo de pandemia”, in **Crises entremeadas ao contexto de pandemia: antecedentes, cenários e recomendações**, Pre-print Scielo, <https://pre-prints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/163>, 2020.

CARRASCO, Cristina (org.), **Con voz propia. La economía feminista como apuesta teórica y política**, Madrid, La Oveja Roja, 2014.

CASTRO, Bárbara (org.), **Covid-19 e sociedade: ensaios sobre a experiência social da pandemia**, Campinas, Unicamp, IFCH, 2020.

FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) (2020), **Food Price Monitoring and Analysis (FPMA) Bulletin # 6**, 14 July 2020, Roma, FAO.

_____ (2020), **Food Price Monitoring and Analysis (FPMA) Bulletin # 10**, 10 December 2020, Roma, FAO.

FARIA, Nalu, “Neoliberalismo, pandemia, vidas precárias: desafios para o feminismo”, **Brasil de Fato**, 24/03/2020.

FERRERAS, Isabelle, BATTILANA, Julie, MÉDA, Dominique, “Trabalho: Democratizar, Desmercantilizar, Remediаr”, <https://democratizingwork.org/read/#portuguese>, 2020.

FORTE, Marcus Bruno Soares, MAXIMO, Guilherme José, “O impacto da crise sanitária de 2020 na agricultura familiar e o fortalecimento da cadeia produtiva como estratégia para contorno da crise”, in BAENINGER, R., VEDOVATO, L. R., SHAILEN, N. (org.), **Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19**, Campinas, Nipo/Unicamp, p. 356-72.

HILLENKAMP, Isabelle, NOBRE, Miriam, “Agroecologia e feminismo no Vale do Ribeira: contribuição para o debate sobre reprodução social”, **Temáticas**, vol. 52, p. 167-94, 2018.

LAL, Rattan (2020), “Home gardening and urban agriculture for advancing food and nutritional security in response to the COVID-19 pandemic”, **Food Security**, vol. 12, n° 4, pp. 871-76.

LAUGIER, Sandra (2020), “La vulnérabilité définit l’humanité même”, **Le Monde**, 29/10/2020.

NOBRE, Miriam, FARIA, Nalu, MORENO, Renata (org.), **Las mujeres en la construcción de la economía solidaria y la agroecología. Textos para la acción feminista**, São Paulo, Sempreviva Organização Feminista, 2015.

NÚMERO E GÊNERO, SOF- SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, **Sem parar. O trabalho e a vida das mulheres na pandemia**, mulheresnapandemia.sof.org.br, 2020.

REDE BRASILEIRA DE RENDA BÁSICA, **Problemas centrais na implementação do auxílio emergencial, Texto para discussão 4 - 2020.**

SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO, **Nota técnica. Sondagem sobre os impactos da pandemia da COVID-19 nos agricultores familiares do Estado de São Paulo**, São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, 2020.

SILIPRANDI, Emma, **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2015.

TEIXEIRA, Marilane, “O trabalho e as mulheres em tempos de neoliberalismo e crise”, in ZELIC H., MORENO R. (org.), **Neoliberalismo, trabalho e democracia: trilhas feministas**, São Paulo, Sempreviva Organização Feminista, 2020, p. 47-60.

UN-Women (2020), “Violence against women and girls: the shadow pandemic”, <https://www.unwomen.org/en/news/stories/2020/4/statement-ed-phumzile-violence-against-women-during-pandemic>

WEITZMAN, Rodica, TELLES, Liliam, ALVARENGA, Camila, CARDOSO, Elisabeth, JALIL, Laeticia, MARTINS, Aline (org.), **Cadernetas agroecológicas e as mulheres do semiárido de mãos dadas fortalecendo a agroecologia: resultados do uso das cadernetas nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil de agosto de 2019 a fevereiro de 2020**, Salvador, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, 2020.

ZULUAGA, Sánchez Gloria Patricia, CATALORA-VARGAS, Georgina, SILIPRANDI, Emma. **Agroecología en femenino. Reflexiones a partir de nuestras experiencias**, La Paz, Bolivia, SOCLA, CLACSO, 2018.

UM MEIO TEMPO PREPARANDO OUTRO TEMPO

cuidados, produção de
alimentos e organização de
mulheres agroecológicas
na pandemia

organização

Miriam Nobre

autoras

Aline Lima

Ana Cruz

Ana Luisa Queiroz

Cecilia Maria Santiago

Fátima Trombini

Isabelle Hillenkamp

Liliam Telles

Maria José Carneiro

Natália Lobo

Nayara Lopes de Castro

Rodica Weitzman

Thalita Rody Machado



Um meio tempo preparando outro tempo: cuidados, produção de alimentos e organização de mulheres agroecológicas na pandemia.

Publicação da SOF Sempreviva Organização Feminista

Organizações parceiras Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), Institut de Recherche pour le Développement France (IRD), Grupo de Trabalho Mulheres (GT Mulheres) da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), Núcleo de Pesquisa "Gênero e Ruralidades" do CPDA/UFRRJ, PACS Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul.

Organização Miriam Nobre

Textos Aline Lima, Ana Cruz, Ana Luisa Queiroz, Cecilia Maria Santiago, Fátima Trombini, Isabelle Hillenkamp, Liliam Telles, Maria José Carneiro, Natália Lobo, Nayara Lopes de Castro, Rodica Weitzman, Thalita Rody Machado.

Edição de texto Fernanda Sucupira

Ilustrações Leila Monsegur

Projeto gráfico e diagramação Marina Rago Moreira

Apoio editorial Helena Zelic e Natália Blanco

Apoio para estudo e publicação

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é responsabilidade exclusiva da SOF Sempreviva Organização Feminista e não representa necessariamente a posição da FRL.



Esta obra possui a Licença Creative Commons de Atribuição Uso Não Comercial – Não a obras derivadas (BY-NC-ND).



SOF Sempreviva Organização Feminista
Rua Ministro Costa e Silva, 36
Pinheiros, São Paulo, SP, Brasil
www.sof.org.br | sof@sof.org.br

N754 Um meio tempo preparando outro tempo: cuidados, produção de alimentos e organização de mulheres agroecológicas na pandemia. Miriam Nobre (Org.). São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2021, 104p.

ISBN 978-65-87591-07-0

1. Agroecologia 2. Economia feminista 3. Feminismo 4. Sustentabilidade da vida I. Título

CDD - 577